

A ficha mais bonita

Recriação do conto “O disco da morte”, de Mark Twain

A pequena Hanna não podia entender o que estava acontecendo.

Por que aqueles soldados haviam tirado aos trancos toda a sua família de casa? A Mamã, o Papá, o irmãozinho Samuel, embrulhado no colo da Mamã, e ela, que já tinha aprendido a mostrar sua idade para as visitas fechando o polegar sobre a palma e estendendo os outros dedinhos? Por que tinham jogado todos no caminhão, junto com outras famílias? Por que tinham amontoado aquela porção de gente num vagão de trem que nem tinha onde fazer xixi?

Havia muitos conhecidos no vagão. Comprimidos uns contra os outros, todos gritavam, choravam, imploravam por água. Hanna também sentia sede, mas acima de tudo sentia fome, muita fome...

O Papá a abraçava apertado, como se seu carinho pudesse aliviar a fome que torcia o pequenino estômago da filha. O irmão Samuel pelo menos podia mamar no seio da Mamã e dormia quase o tempo todo. Mas Hanna não conseguia dormir. Perguntava ao Papá o que era tudo aquilo, mas o pai só apertava mais o abraço, como resposta.

A viagem tinha durado muito e, quando o trem parou, o Velho Rabi Shimon estava quieto, deitado no fundo do vagão, e os homens rezavam alto. Do lado de fora, os soldados bateram nas paredes do vagão e os homens ficaram quietos. Não tão quietos como o Rabi Shimon, mas ficaram.

Que lugar era aquele para onde eles tinham sido levados? Tudo cercado por cercas de arame, grandes barracões no meio de um terreno mole de lama negra e neve pisada.

Fazia frio, frio demais, e a menina, encolhida, era arrancada das mãos do pai, jogada de um lado para outro, apertada pela multidão, empurrada pelo soldados armados, que gritavam tantas ordens que nem dava para entender. O grupo parou, aglomerando-se sobre a lama e a neve. Hanna agarrou-se de novo ao Papá.

Soldados com metralhadores e fuzis começaram a separar os homens das mulheres e ela gritou, chamou, chorou alto, quando os soldados levaram a Mamã para longe, com o pequeno Samuel no colo. Ficou com o pai, com o querido Papá, que continuava a abraçá-la apertado, apertado...

Mas nem isso durou muito. Logo um deles agarrou o Papá pelo paletó e o jogou no chão. Hanna quis correr para ele, mas outro soldado deu-lhe uma bofetada, jogando a menina na direção do grupo de mulheres. Ela caiu na lama e a senhora Berta, a vizinha gorda, abaixou-se junto dela, pedindo que ficasse quieta.

Hanna viu o Papá ser empurrado para junto de dois outros homens. Por trás do grupo de soldados, destacou-se um que falava aos berros, de farda negra. Parecia ser o chefe dos outros e sacudia um pauzinho na mão. Com o pauzinho, bateu com força no rosto dos três homens, bateu no rosto do Papá! Gritava alguma coisa, Hanna não conseguia compreender o que ele perguntava. Parecia que o homem queria saber alguma coisa como quem era da “desistência”, alguma coisa assim. E a menininha pensou que o Papá logo ia desistir e eles poderiam voltar para casa.

Alguns dos soldados riam e falavam para não perder tempo e acabar logo com os três.

Acabar? O que era isso de acabar?

O tal emproado de farda negra dizia que estava de bom humor e que ia fazer um sorteio. Os outros riram mais ainda e o tal chefe tirou alguma coisa do bolso. Olhou em volta e seu olhar parou na pequena Hanna.

– Vem cá.

Era com ela? Hanna não sabia o que fazer, mas a senhora Berta empurrou-a delicadamente e o homem agarrou-a pelos cabelos.

– Você vai fazer o sorteio, menina. Dá a mão!

Hanna abriu a mãozinha e estendeu-a timidamente para o homem fardado. Com maus modos, ele colocou em sua mão o que havia tirado do bolso.

– Nessa noite eu só quero um, menina. Você vai escolher por mim. Pegue essas fichas e entregue uma para cada um desses aí.

Hanna olhou para o que tinha na mão. Eram três fichas, duas pretas e uma vermelha.

– Vamos! Não temos a noite toda!

Meio tropeçando, Hanna sacudiu a cabeça. Tinha entendido a ordem. Caminhou para o lado dos três. Lá estava o Papá, olhando-a de uma maneira que nunca tinha olhado antes.

– Papá...

Rapidamente, entregou uma ficha para o pai e depois para os outros dois homens.



Outro soldado agarrou-a pelo casaco e jogou-a de volta para o grupo que a tudo assistia, aterrorizado. Hanna caiu nos braços da senhora Berta.

Ergueu os olhos para a vizinha:

– Senhora Berta, eu entreguei a ficha mais bonita para o Papá.

Eram olhos de criança, de pureza, de esperança, olhos de alegria.

O Papá devia ter ficado contente. Hanna estava feliz.